

LABORATÓRIO DE LÍNGUAS? PARA QUÊ?

Ivete Houer

RESUMO

Comentamos, aqui, a importância do Laboratório de Línguas no Curso de Letras/Português-Espanhol, como auxiliar na formação de habilidades lingüísticas do acadêmico, para futura atuação na rede pública de ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Laboratório - Língua - Ensino de Línguas - Habilidades Lingüísticas - Formação discente

O presente artigo pretende destacar a relevância da existência e uso do Laboratório de Línguas em um curso de Licenciatura Plena, tido como um importante instrumento de apoio didático-pedagógico para a preparação integral do professor de língua estrangeira.

O setor assim denominado tem por objetivo otimizar o ensino da segunda língua, fornecendo suporte complementar audio-ativo-comparativo, tão necessário à formação, a priori, de pessoas capazes, principalmente, de falar Espanhol.

Além de visar o ensino e a habilitação para compreender a linguagem oral, para falar, para ler e para comunicar por escrito usando a língua estrangeira, também serve de setor de apoio para o ensino e pesquisa dos acadêmicos na disciplina de Língua Espanhola, e em outras disciplinas que utilizam material gravado.

No que se refere à melhoria das habilidades lingüísticas, a prática no laboratório apresenta as seguintes vantagens: desenvolve a habilidade de compreensão auditiva através de textos autênticos que apresentam a língua em contextos reais de utilização; aprimora a pronúncia, o ritmo e

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.1	p. 45-49	jul/dez. 1998
---------	---------------	-----	----------	---------------

a entonação através de gravações feitas por falantes nativos, além de aprofundar o conhecimento de aspectos culturais dos povos hispano-falantes; proporciona estratégias de aprendizagem específicas que facilitam a compreensão oral da língua alvo; possibilita o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem individualizadas, permitindo que cada aluno aprenda de acordo com o seu próprio ritmo, sem o problema de inibição na expressão oral; também auxilia na aquisição de fluência através da produção oral após os estímulos recebidos, e no recebimento, por parte de cada um, de feedback sobre a atividade realizada.

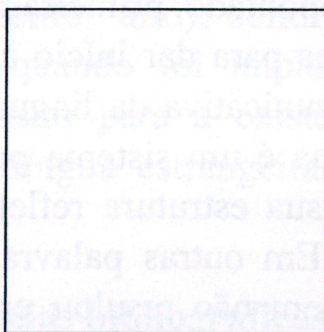
Obviamente, será um professor melhor formado o acadêmico que apresentar, no término de seu curso, não uma perfeição, mas uma progressão na sua própria aquisição da segunda língua, manifestada nas habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, com a utilização da mesma.

De acordo com Widdowson,(1) as capacidades comunicativas englobam as habilidades lingüísticas, mas não vice-versa. Isto porque as habilidades lingüísticas se realizam pelo recurso ao meio físico real, através do qual o sistema lingüístico adquire forma; e as capacidades comunicativas utilizam este sistema lingüístico enquanto uso contextualizado, em atos de comunicação.

Considerando-se a isotopia do aprendizado de língua estrangeira, discutida e defendida por Brabo Cruz,(2) é imprescindível destacar-se a oposição observada na dicotomia apresentada por Widdowson, no que se refere às habilidades lingüísticas e capacidades comunicativas., sendo que a fundamental oposição é a que ele coloca entre o falar e o dizer, uma vez que o primeiro representa apenas o fenômeno físico, enquanto que o segundo pressupõe o fazer interpretativo, ao apresentar o seguinte quadro para representar o domínio da língua:

FALAR

Repetição
automática

**DIZER**

Fazer interpretativo,
mas sem domínio,
na execução
do código

NÃO DIZER**NÃO FALAR**

Analisando-se semioticamente o que a prática de laboratório envolve, é necessário levar-se em consideração que ali o discurso apresenta, no momento de sua realização, uma textualização que se caracteriza pela predominância da oralidade, mediada pela utilização do equipamento ali existente.

Courtès e Greimas (3) postulam que a textualização é o “conjunto de procedimentos chamados a se organizarem numa sintaxe textual, que visam à constituição de un contínuo discursivo, anteriormente à manifestação do discurso nesta ou naquela semiótica (ou língua natural)”. O texto assim obtido, uma vez manifestado como tal, assumirá a forma de uma representação semântica do discurso.

Esta realização do discurso implica, no que se refere aos alunos, em uma integração de habilidades (compreensão de linguagem oral, as relações entre a escrita e a fala, e às vezes a leitura, nas atividades interpretativas). Ou seja, a coersão do discurso é imposta no processo de textualização pelo equipamento do laboratório, e as coersões semióticas, de acordo com Courtès e Greimas, (3) funcionam como “um conjunto de obrigações, voluntárias ou involuntárias, conscientes ou inconscientes, contraídas pelo indivíduo em decorrência de sua participação nesta ou naquela prática semiótica”, identificando-se com as condições mínimas, necessárias à produção e à apreensão de significação.

Claro que o Laboratório de Línguas apresenta limites, os defeitos e as futuras remodelações serão necessárias, mas

para que isto venha a ser apontado, primeiramente é preciso obter os materiais elementares para dar início à sua utilização. Mesmo porque, na visão comunicativa da linguagem, conforme Richards e Rogers,(4) a língua é um sistema para a expressão do significado, sendo que a sua estrutura reflete os seus usos comunicativos e funcionais. Em outras palavras, sabemos que as práticas mecanicistas podem não resultar em competência, que a aprendizagem de uma língua não envolve tão somente a criação de hábitos, mas também a aquisição significativa de uso da mesma em situações concretas de comunicação, enfatizando sobremaneira a interação verbal.

Aparentemente, pode-se observar que, no contexto atual dos estudos na área de ensino de L 2, o laboratório ocupa uma função secundária, mas não podemos negar a sua eficácia como irradiador de insumos, principalmente na fase inicial do processo, que também contribuirão para a elevação do nível deste interagir em sala de aula.

Quanto à prática meramente repetitiva de padrões lingüísticos, Ausubel (5) reconhece que estas não devem ser eliminadas, mas que necessitam tornar-se significativas, o que ocorre através da relação exata entre as manipulações verbais que o aprendiz pratica e as mudanças de significado que ele venha a produzir com tais manipulações.

Cabe ao professor-orientador captar estas produções como ponto de continuidade para sua prática pedagógica, complementando e expandindo o insumo textualizado pelo Laboratório de Línguas, considerado livre de erros e deveras eficiente, haja vista as vantagens já enumeradas desde o início de nosso trabalho.

Em suma, estas reflexões pretendem única e exclusivamente trazer à tona uma questão que não tem sido considerada como prioridade (pelo Estado ou pela Instituição, isso não vem ao caso), uma vez que o nosso laboratório se encontra desativado por falta de verbas para a aquisição do material didático escrito (o de áudio já está pronto desde

abril do corrente ano), sendo que deveria estar em funcionamento quando foi implantado o curso, em 1997, já que é pré-requisito para a existência de qualquer curso de habilitação em língua estrangeira.

Notas e referências bibliográficas

- 1 WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Campinas: Pontes Editora, 1991.
- 2 BRABO CRUZ, Maria de Lourdes Otero. **A construção de significados no laboratório de línguas: pela valorização deste recurso como extensão da sala-de-aula**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 1994. (mimeo.)
- 3 COURTÈS, J. & GREIMAS, A.J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, s/d. P. 61.
- 4 RICHARDS, J. J. & ROGERS, T. **Approaches and methods in language teaching**, 5. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- 5 AUSUBEL, D. P. **Psicología educativa: un punto de vista cognoscitivo**. México: Editorial Trillas, 1978.

As notícias seguem o caminho habitual de contestação nos estudos literários, que leva sempre a novas alternativas críticas ou novas metodologias de crítica, história ou teoria literária, este trabalho se tornou um périplo semelhante ao de todos aqueles que se aventuraram um dia pelo desconhecido, quando o único e importante não é tanto o percurso em seus perigos, quedas, incertezas, alegrias passageiras ou evitadas, mas a chegada num ponto donde se mira aquilo que se pretende alcançar. Importa, pelo menos, ver ao longe o que em breve poderá ser atingido.